



Unifesspa - 21 a 25 de Setembro de 2015

I Seminário de Projetos Integrados
I Jornada de Extensão
I Seminário de Iniciação Científica
I Encontro de Pós-Graduação

A CRÔNICA “CIDADE LÍQUIDA”, DE CECÍLIA MEIRELES: A PINTURA E A LINGUAGEM POÉTICA

Edinalva Moraes Mano¹ - Unifesspa
Luís Antônio Contatori Romano² - Unifesspa

Agência Financiadora: PIBIC / PROPIT

Eixo Temático/Área de Conhecimento: A Pintura nas Crônicas de Viagem de Cecília Meireles.

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que há muitos estudos sobre a obra poética de Cecília Meireles, mas não há muitos estudos específicos sobre as referências intertextuais voltadas para a pintura nas crônicas de Cecília Meireles, por isso, foi elaborada uma análise da crônica “*Cidade Líquida*”, escrita em 1953, por Cecília Meireles, para explorar essas intertextualidades perpassando os campos da linguagem poética e especificamente o da pintura.

As análises literárias de Margarida Maia Gouveia (2002), de Alfredo Bosi (2007) e de Leila V. B. Gouvêa (2007) contribuíram para a interpretação da linguagem poética empregada por Cecília Meireles em sua crônica.

No campo da pintura a obra “*A História da Arte*”, de Gombrich (1999) foi o principal referencial teórico, contribuindo assim para melhor compreensão da arte e das relações intertextuais presentes na crônica.

O objetivo do trabalho foi analisar minuciosamente a crônica “*Cidade Líquida*” destacando alguns pontos da crônica que expressam com mais intensidade a linguagem carregada de poeticidade empregada pela cronista por meio de recursos sonoros, metáforas e outras figuras de linguagem e também relacionar as imagens descritas/criadas pela cronista com pinturas.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

O trabalho produzido é de cunho bibliográfico, os textos foram lidos previamente e discutidos no âmbito do grupo de estudos juntamente com o professor orientador e foram relacionados com outros campos de estudos, contribuindo assim para melhor compreensão e interpretação das crônicas cecilianas e também com o objetivo de servir como respaldo teórico para o artigo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O artigo intitulado “*A Crônica ‘Cidade Líquida’, de Cecília Meireles: A Pintura e a Linguagem Poética*” teve como objetivo elaborar uma análise dessa crônica, dando ênfase para a linguagem poética e as referências de pinturas a partir das imagens literárias criadas pelo olhar contemplativo da cronista sobre a cidade de Veneza.

As análises literárias de Margarida Maia Gouveia (2002), e de Leila V. B. Gouvêa serviram como respaldo para melhor interpretação da linguagem poética empregada por Cecília Meireles em suas crônicas.

A obra “*A História da Arte*”, de Gombrich (1999), na qual o autor trata dos estilos que surgiram no campo da arte, por exemplo, o Gótico e o Renascentista e os principais artistas representantes de cada estilo,

¹Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras (FAEL/ILLA/UNIFESSPA). Bolsista de Iniciação Científica. E-mail: nalvammano@gmail.com

²Doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp e Pós-Doutor pelo IEB-USP. É professor de Estudos Literários na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará- (Unifesspa) e Pesquisador Produtividade do CNPq. E-mail: luisr@unifesspa.edu.br.



Unifesspa - 21 a 25 de Setembro de 2015

I Seminário de Projetos Integrados
I Jornada de Extensão
I Seminário de Iniciação Científica
I Encontro de Pós-Graduação

contribuiu e direcionou o olhar para a escolha dos quadros que foram relacionados com as imagens descritas na crônica.

No primeiro tópico do artigo, “A linguagem poética na crônica ‘*Cidade Líquida*’” são apresentados trechos da crônica que expressam a linguagem poética por meio de recursos sonoros e figuras de linguagem. Através dos olhos da viajante Cecília Meireles podemos não só percorrer, mas também ver as belezas venezianas nos seus mínimos detalhes porque a cronista põe na realidade observada seu toque imaginário. Segundo Margarida Maia Gouveia (2007, p. 112) “Para além dos viajantes que apenas ‘desejam chegar’, há ‘os que desejam viajar’, ‘os infelizes imaginativos’ que se evadem da realidade observada e a recriam imaginativamente”.

Cecília Meireles começa sua crônica, “*Cidade Líquida*”, falando dos momentos que passou em Florença e das recordações que vai levar das “Igrejas, palácios, praças, estátuas, ruas, pessoas”, pois seu destino agora é Veneza. Quando Cecília Meireles está deixando Florença em direção a Veneza parece que os momentos vividos naquela cidade viraram recordação, como se estivessem adormecidos na memória da poeta, fizessem parte de seu passado distante e ressurgissem através das lembranças.

A linguagem poética empregada por Cecília Meireles ao escrever sua crônica, algumas vezes nos dá a impressão de que ela faz uma viagem imaginária dentro da viagem real, ou seja, ela mistura imaginação e realidade. Mas é esse toque poético pelo qual a cronista transmite suas imaginações, emoções e experiências vividas que torna sua obra mais rica.

Segundo Margarida Maia Gouveia (2007, p. 112):

Pode dizer-se que nas crônicas de viagem existe uma teoria do viajar, que é também uma teoria poética. As viagens são o que elas produzem na cabeça do sujeito que as faz, são como se arrumam as coisas vistas, as sensações dessas coisas, os sentimentos e as impressões sobre elas.

Outro momento que deixa em evidência o imaginário de Cecília Meireles é quando a autora compara a gôndola com um cisne preto e um instrumento musical e o gondoleiro com seu remo a um rabequista. Com a imagem da gôndola que oscila nas águas e o movimento do remo do gondoleiro a poeta cria um ritmo musical que sugere o balanço das ondas do mar. Isso comprova o que diz Margarida Maia Gouveia (2007, p.112), que mesmo “atenta ao percurso das viagens concretas, Cecília porém viaja sonhando e evadindo-se”.

A cronista também faz uso da comparação quando diz que “[...] as gôndolas parecem cisnes pretos. Parecem instrumentos de música, com aquela ferragem que têm, na ponta, como cravelha.” (p. 80) Ela faz essa comparação porque as gôndolas são pretas e por ter nas suas extremidades detalhes de ferro que, segundo Cecília Meireles, parecem com cravelha, ou seja, uma chave que fica nas extremidades dos instrumentos de corda que serve para afiná-los. Isso dá um ar poético e musical para as gôndolas pela comparação com o instrumento e também pode sugerir a harmonia e o ritmo da navegação.

No segundo tópico, “A pintura na crônica ‘*Cidade Líquida*’”, foi elaborada a relação das imagens criadas e descritas por Cecília Meireles durante sua estada em Veneza com as pinturas: “*Monet Pintando em seu Barco*”, de 1874; “*As Corridas em Longchamp*”, de 1872, de Édouard Manet; “*A Rendeira*”, de 1669-70, de Johannes Vermeer; e “*A Baía de São Marco no Dia da Ascensão*”, de 1732, e “*Retorno Del Bucentoro Al Molo El Día de La Ascención*”, de 1730, ambas de Giovanni Antônio Canal, o Canaletto; além de “*O Nascimento de Vênus*”, de 1485, de Sandro Botticelli.

Quando Cecília Meireles se refere à história da origem das rendas venezianas e diz “quando o noivo partiu, a moça, para se entreter, começou a imitar com linhas a planta que ganhara” (p. 81), lembra um quadro de Johannes Vermeer, pintor holandês, chamado “*A Rendeira*”, de 1669-70, o qual representa uma jovem sentada em frente a uma mesa e muito concentrada na sua atividade, ao seu lado tem um tecido com uma almofada e alguns fios em cima. Talvez a jovem do quadro não esteja fazendo renda enquanto espera o seu amado voltar do mar como a moça que a poeta descreve na crônica, mas ela está com os olhos “deixados sobre as rendas” o que pode sugerir que ela esteja pensando em qual tipo de renda vai fazer se é de “bilro, de agulha, de volutas, rosinhas, relevos” assim como a jovem da crônica que mostra como “é grande a imaginação”.

Unifesspa - 21 a 25 de Setembro de 2015

I Seminário de Projetos Integrados
I Jornada de Extensão
I Seminário de Iniciação Científica
I Encontro de Pós-Graduação



A Rendeira, 1669-70. Johannes

As cores predominantes no quadro são escuras, mas harmônicas e mesmo a jovem estando numa posição meio estática com o olhar voltado para baixo, seu rosto parece suave e leve, está iluminado, segundo Gombrich (1999, p. 301), “[...] Vermeer consegue a completa e laboriosa precisão na reprodução de texturas, cores e formas, sem que o quadro tenha jamais o aspecto de elaborado ou duro. [...] Essa estranha e ímpar combinação de suavidade e precisão que torna inesquecíveis suas melhores pinturas”. Cecília Meireles também descreve na crônica que as rendas possuem “leves flores” e “delicados arabescos”, ou seja, assim como as cores do quadro “A Rendeira”, os detalhes das rendas também são harmônicos e ganham textura na crônica de Cecília Meireles, adquirindo efeito estético.

Cecília Meireles também compara Veneza ao “Nascimento de Vênus”, de 1485, um quadro de Sandro Botticelli, “Veneza esta maravilha pousada n’água, como Vênus na concha” (p. 83). Assim como a Vênus nasce de uma concha, Veneza nasce do mar. É como se a cidade estivesse submersa nas águas, na sua concha e ao passo que a cronista se aproxima ela vai emergindo do fundo do mar assim como a Vênus na concha se aproxima da margem. Cecília Meireles também narra que Veneza está “reclinada em almofadas d’água, com os cabelos d’água” (p. 82), a cidade aos olhos da poetisa parece ganhar vida, é como se se transformasse na própria Vênus pousada nas águas, e a cronista fizesse uso dos cabelos d’água/canais para conhecer/admirar as belezas de Veneza.



Nascimento de Vênus, 1485. Sandro Botticelli.

Ao se afastar da cidade a cronista diz que tudo vai ficando cinzento: os palácios, as pontes, tudo vai se apagando. E essa imagem remete ao título da crônica “*Cidade líquida*”, é como se Veneza estivesse se diluindo e voltando para sua concha, ou seja, o fundo do mar ou se fechando para a cronista que está indo embora da cidade. A imagem de Veneza só se apaga para o olhar presente da poetisa, mas permanece na memória dela por meio da escritura da crônica.



Unifesspa - 21 a 25 de Setembro de 2015

I Seminário de Projetos Integrados
I Jornada de Extensão
I Seminário de Iniciação Científica
I Encontro de Pós-Graduação

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para trabalhar a linguagem poética contida na crônica “*Cidade Líquida*”, da autora Cecília Meireles, fez-se necessário focalizar nos recursos sonoros, nas figuras de linguagem, nas referências citadas e cenas descritas pela cronista.

Para explorar a linguagem poética foi preciso não só identificar alguns dos recursos sonoros e figuras de linguagem, mas também explorar e mostrar os possíveis efeitos de poeticidade que a crônica evoca. Para isso, foi necessário realizar leituras que auxiliassem nessa interpretação, como textos de Margarida Maia Gouveia, Leila V. B. Gouvêa e Alfredo Bosi.

Para percebermos as referências de pinturas fez-se necessário atentar cuidadosamente para as cenas descritas/criadas pela cronista e procurar relacionar com pinturas, visto que na crônica aqui analisada – “*Cidade Líquida*” – as referências que foram encontradas/percebidas na sua maioria não estão explicitadas. Também foi indispensável a leitura de textos que trouxessem informações sobre pintura como o livro “*A História da Arte*”, de Gombrich (1999).

O artigo desenvolvido foi apresentado no XVIII Encontro Paraense dos Estudantes de Letras / XV Encontro Regional dos Estudantes de Letras (EPEL/EREL), que ocorreu na Universidade Federal do Pará, em Bragança-PA; no XXXVI Encontro Nacional dos Estudantes de Letras (ENEL), que ocorreu na Universidade Federal do Maranhão, em São Luís-MA. E também foi apresentado VII SEALL – Seminário de Ensino-Aprendizagem de Línguas e Literatura e IV SISEL – Seminário, Interação e Subjetividade no Ensino de Línguas, que ocorreu em Marabá, no campus da UNIFESSPA-PA. Sendo que neste último evento houve a publicação do caderno de resumos.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. Em torno da poesia de Cecília Meireles. In: GOUVÊA, Leila V. B.(Org.). **Ensaio Sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas-Fapesp, 2007. p. 13-32.

GOMBRICH, E. H. **A História da Arte**. 16ª ed. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

GOUVEIA, Margarida Maia. As viagens de Cecília Meireles. In: GOUVÊA, Leila V. B. (Org.). **Ensaio Sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas-Fapesp, 2007. p. 111-127.

GOUVÊA, Leila V. B. (Org.). **Ensaio sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2007.
MEIRELES, Cecília. **Crônicas de Viagem, Volume 2**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999